



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

JAILDA DE SOUZA SILVA

**ALICE NO SUL MARAVILHA: UM ESTUDO DO ROMANCE
*QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE***

CAMPINA GRANDE
2018

JAILDA DE SOUZA SILVA

ALICE NO SUL MARAVILHA: UM ESTUDO DO ROMANCE *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Trabalho apresentado ao curso de Letras licenciando – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à sua conclusão

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela de Melo Rodrigues

Campina Grande – PB
2018

S586a

Silva, Jailda de Souza.

Alice no sul maravilha: um estudo do romance *Quarenta dias* de Maria Valéria Rezende / Jailda de Souza Silva. – Campina Grande, 2018. 46 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018. "Orientação: Profª. Dra. Rosângela Rodrigues de Melo".
Referências.

1. Análise Literária. 2. Crítica Literária. 3. Mulher e Maternidade – Autoconhecimento. 4. Idosos – Exclusão Social. I. Melo, Rosângela Rodrigues de. II. Título.

CDU 82.09(043)

JAILDA DE SOUZA SILVA

ALICE NO SUL MARAVILHA: UM ESTUDO DO ROMANCE *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Trabalho apresentado ao curso de Letras licenciando – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à sua conclusão.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues
Orientadora - UFCG

Prof^a. Dra. Maria Marta Nobrega - UFCG

Dedico este trabalho à minha mãe, aos meus filhos e ao meu esposo, que nunca desistiram de mim e sempre me incentivaram nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me dar força e coragem para realizar os meus sonhos.

À minha mãe, Maria Salete, por nunca desistir de mim, desde o primeiro dia que me pegou em seus braços, como também a minha tia Alda Maria, por tantas noites ter cuidado das minhas filhas para eu poder estudar.

Às minhas filhas, Débora Julianny e Ana Sophia, e ao meu filho, Dijaci Neto, por me tornarem essa mulher e mãe forte e guerreira a cada dia.

Ao meu esposo, Derivaldo, pela paciência e o apoio incondicional.

À minha orientadora, Rosângela Rodrigues, por toda a ajuda e dedicação, não só como professora, mas como amiga, minha eterna gratidão.

Aos professores que compõem a Unidade Acadêmica de Letras, em nome de, Milene Bazarim, professora essa que nunca me deixou desistir da caminhada como também por todos os puxões de orelhas dado a minha pessoa, e a professora Marta Nobrega, por ter me transformado um ser humano melhor com suas aulas de Literatura Africana, aulas essas que ficará guardadas em minha memória.

Aos meus filhos postigos, do curso de Letras do semestre 2013.2, por terem me proporcionado momentos maravilhosos, e por deixar eu ser a “Mainha” de cada um todas as noites, em especial a Renata, Mirela, Hingrid, Iara, Vanessa, Rayane, Rayana, Manu, Raneide e a todos os outros que passaram por minha vida.

Aos melhores companheiros de viagem e grandes amigos, que alguém pode ter nesse mundo: Rafaela, Josielton, Jean Pierre, Letícia, Geovany, Tia Dari, Natan e todos os outros que passaram por esse Fundão de ônibus da UFCG, durante esses cinco anos. Meu muito obrigada!

A Sayonara, por toda a gentileza e preocupação com minha pessoa todas as noites, em forma de um cafézinho quente.

Aos meus amigos, fora da UFCG, que sempre me incentivaram a não desistir da caminhada, em especial, a Viviane, Helenice e Cris, todo o meu carinho.

À UFCG, lugar de realizações e lutas, e apesar das lágrimas, de muita alegria, onde eu fui feliz, e aprendi que tudo podemos, basta apenas querer e lutar para realizar.

“Eu respirei o mundo inteiro, e isso entrou pelos meus cinco sentidos. Há uma variedade de lembranças, sensações, impressões... e é com isso que eu construo a minha literatura.”

Maria Valéria Rezende

RESUMO

O autoconhecimento é algo de extrema importância na jornada do ser humano, para a construção de uma identidade. Para encontrar consigo mesmo, cada indivíduo escolhe a melhor maneira de alcançar tal feito, seja através de uma viagem ou de uma peregrinação por lugares obscuros e desconhecidos. Muitas vezes, a busca por si próprio leva o sujeito ao fundo do poço, e de lá, poderá ele sair refeito. Em nossa pesquisa, analisamos como uma personagem de ficção empreende uma viagem até seu próprio eu, quais as condições que a levam a escolher esse processo e quais as consequências dele. Analisaremos Alice, protagonista da obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende. Abordaremos temas como exclusão social, abandono de idosos, os conflitos da maternidade, a segregação de brasileiros que vivem exilados na sua própria pátria. Através de Alice, estudaremos a construção social de uma personagem complexa e de suas relações com a filha e com aqueles que conhece nas ruas. Para nos ajudar a analisar tais aspectos, utilizaremos autores que falam sobre a mulher e sobre identidades, tais como Beauvoir (1980), Hall (2002), Biroli (2018), Del Priore (1997/2013), Rodrigues (2016), entre outros. Através desse estudo, desejamos expor problemáticas para uma melhor reflexão dos temas que vamos abordar.

Palavras-chave: Mulher – Maternidade – Autoconhecimento – Exclusão - Idosos

ABSTRACT

Self-knowledge is something of extreme importance in the journey of the human being, for the construction of an identity. In order to find with itself, each individual chooses the best way to achieve such a feat, whether through a journey or a pilgrimage through obscure and unknown places. Often, the search for oneself takes the subject to the bottom of the well, and from there, it can come out redone. In our research, we look at how a fictional character embarks on a journey to her own self, what conditions lead her to choose this process and what its consequences. We will analyze Alice, protagonist of the work *Forty Days*, by Maria Valéria Rezende. We will address issues such as social exclusion, the abandonment of the elderly, the conflicts of maternity, the segregation of Brazilians living in exile in their own homeland. Through Alice, we will study the social construction of a complex character and her relationships with her daughter and with those she meets in the streets. To help us analyze such aspects, we will use authors who talk about women and identities, such as Beauvoir (1980), Hall (2002), Biroli (2018), Del Priore (1997/2013), Rodrigues (2016), among others. Through this study, we want to expose problems for a better reflection of the issues that we are going to address.

Keywords: Woman - Maternity - Self-knowledge - Exclusion - Elderly

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	10
2- CAPÍTULO I- O SUJEITO MULHER E SUA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	13
2.1- A mulher e as mudanças no tempo.....	14
2.2- Mulher e maternidade.....	16
2,3- A mulher na Literatura.....	18
3- CAPÍTULO II: ALICE: DAS BORDAS SOCIAIS AO PAÍS DAS MARAVILHAS	20
3.1- Maria e Alice: escritora e personagem.....	20
3.2- A Alice em Alice: a viagem ao Sul Maravilha.....	23
4. CAPÍTULO III: 40 DIAS NO DESERTO: AS TENTAÇÕES DE ALICE	26
4.1- A peregrinação de Alice.....	27
4.2- O Sul Maravilha: os desencantos de Alice.....	33
4.3- Barbie e Alice: a ressurreição.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

Para encontrar a si mesmo, na maioria das vezes, um indivíduo precisa sair em uma viagem de conhecimento próprio que pode lhe levar até o fundo do poço. Depois que passar pelo fogo e voltar da lama, ele estará renovado e pronto para seguir com sua vida.

Algumas teorias dizem que a chave para conhecer o outro e o mundo ao redor é conhecer, primeiramente, a si mesmo. Os medos, as angústias, as esperanças e os sonhos, mergulhar em si mesmo na busca de saber quem se é verdadeiramente, fazem parte deste conhecimento. É isso que Alice, personagem principal da obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, faz quando decide embarcar numa viagem aos lugares menos privilegiados da cidade de Porto Alegre. Uma mulher, professora aposentada, que é arrancada de sua vida pacífica em João Pessoa pela filha egoísta e mimada, Norinha.

A vida de Alice sofre uma grande mudança quando a ex-professora chega ao Sul. Já, sozinha e magoada, Alice toma uma decisão que mudará para sempre sua forma de ver o mundo. Em uma aventura digna dos grandes filmes de ficção, Alice vaga por um deserto pessoal por 40 dias, tempo exato em que Cristo jejuou e peregrinou pelo deserto.

Além da aventura, Alice vive um drama: a descoberta da exclusão em um lugar que ela julgava ser perfeita e moderna. Alice encontra os seus iguais, sua gente, a maioria nordestinos em exílio, abandonados pela sociedade.

Quarenta dias acaba se mostrando uma obra denunciativa dos lugares marginalizados, da omissão social e da falta de cuidado para com o ser humano. Através de Alice, entenderemos, também, o lugar que o idoso ocupa na sociedade, o abandono, o esquecimento e a solidão que, infelizmente, são partes comuns da vida dessas pessoas quando atinge uma certa idade. Através de Alice, veremos, ainda, como a ajuda e a solidariedade podem mudar as situações, mesmo nos lugares mais difíceis de se viver.

A personagem Alice foi criada por uma das melhores escritoras da literatura nacional contemporânea: Maria Valéria Rezende, nascida em São Paulo, mas moradora da Paraíba desde o final dos anos 70, freira, mulher forte, militante dos movimentos feministas e do cenário político, Maria Valéria Rezende.

Com *Quarenta dias*, Maria Valéria conquistou o prêmio Jabuti, na categoria de melhor livro de ficção de 2015. Na obra, a escritora eleva a voz para dar visibilidade as classes mais

esquecidas da sociedade: os idosos, os trabalhadores, os moradores de periferias e aqueles que vivem nas ruas.

No auto de seus mais de 70 anos, para escrever a história de Alice, Maria Valéria viveu uma espécie de laboratório. Em uma entrevista dada ao jornal Estadão da cidade de São Paulo em 02 de maio de 2014, a escritora contou que viajou para Porto Alegre e vagou pelas ruas, conhecendo os lugares obscuros da cidade, vivendo primeiro o que sua personagem viveria depois. Maria Valéria, por mais incrível que pareça, chegou a dormir na rodoviária, assim como Alice, em um estudo profundo do abandono, para que pudesse, enfim, compor a personagem magnífica que narra sua obra.

Mesmo que Maria Valéria não tenha vivido todas as etapas da peregrinação de Alice, *Quarenta dias* não deixa de ser uma espécie de escrita de si, uma vez que personagem e autora dividem muitas semelhanças. Maria Valéria, assim como Alice, é professora de francês, e hoje, vive sem parentes na capital paraibana.

O lado que remete à religião, e que aproxima a obra da história bíblica, talvez venha do fato da autora ser freira, mesmo que tenha se dedicado ao ensino popular por boa parte de sua vida.

Desde sua estreia na literatura, com *Vasto mundo*, em 2001, Maria Valéria Rezende tem acumulado prêmios. Seus personagens são fortes e falam sobre situações reais do cotidiano de cada um. A autora trabalha com temas polêmicos como também explora o cenário nordestino em suas obras, na maioria das vezes suas personagens são mulheres que superam seus medos, seus costumes para vencer alguma batalha na vida, a exemplo disso temos as personagens da obra *o Vôo da Guará Vermelha*, Rosálio e Irene. Irene é uma prostituta barata: doente e envelhecida, mal consegue os clientes necessários para o dinheiro que precisa levar semanalmente para a velha que lhe cria o filho. Talvez tenha partido daí o nosso desejo de estudar como se forma a identidade de Alice na sua viagem ao Sul e em sua peregrinação, na busca por um filho perdido de Socorro, mulher que é sua conhecida, esse sujeito mulher em suas obras Maria Valeria Rezende desperta ao leitor a curiosidade para conhecer melhor sobre a vida dessas personagens.

Nosso trabalho se dividirá em três capítulos. No primeiro, abordaremos sobre a mulher e sua construção social, em como ela se modula em meio ao comportamento que a sociedade exige. Apresentamos a mulher em certas épocas da história, da mulher enquanto mãe, das

dificuldades da maternidade. Abordaremos também da mulher na literatura como uma preparação para discorrer sobre Alice.

No segundo capítulo, faremos uma comparação de *Quarenta dias* com a obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Apontaremos as semelhanças entre as duas personagens principais das obras de Maria Valéria e de Lewis Carroll, que carregam o mesmo nome. Mostraremos as semelhanças também dos outros personagens de Lewis Carroll dentro da obra de Maria Valéria Rezende.

No terceiro e último capítulo, narraremos a peregrinação de Alice em seus 40 dias nas ruas de Porto Alegre. Abordaremos sobre os principais pontos por onde ela passa. Abordaremos de seus encontros com outros personagens e do motivo de sua busca. Abordaremos sobre a situação de exclusão que Alice vive no Sul, dos lugares esquecidos por onde ela passa. Discutiremos o lugar de uma pessoa com mais de 60 anos na sociedade e discorreremos da ressurreição de Alice através de seu desabafo com seu caderno com capa de Barbie.

Escolhemos esta obra porque achamos que é importante valorizar a literatura paraibana, assim como é importante abordar sobre os temas mais polêmicos, da exclusão social, da omissão, mas também da solidariedade que é possível encontrar nesses lugares, vendo, através de Alice, que é possível sobreviver a uma viagem ao seu próprio eu, ainda que as andanças pelo País das Maravilhas sejam, por vezes, sombrias e assustadoras.

2- CAPÍTULO I - O SUJEITO MULHER E SUA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Simone de Beauvoir (1980) afirmava que a mulher não nasce mulher, pois ela reafirmaria sua condição biológica através das fases que viveria ao longo da vida. São muitas as dificuldades enfrentadas nesse caminho, pois o fato de ser mulher se liga às muitas regras sociais.

Desde o início dos tempos, a construção da identidade mulher é cercada por muitas normas. O “dever” de ser frágil, feminina, ter pouca inteligência e ser submissa ao poder masculino tornavam a busca por uma identidade muito mais difícil para as mulheres. A força dos homens tornava real esse ideal de submissão da mulher, um mito de fragilidade e de necessidade.

O cuidado com o lar e com aqueles que necessitavam de atenção especial é o papel destinado às mulheres, mesmo que elas não tivessem vocação para isso. Enquanto o homem ocupava lugares de destaque, a mulher passava seus dias cuidando e servindo. Quanto a isso, Biroli (2018) afirma que

As mulheres assumem o cuidado das crianças, dos idosos e das pessoas com necessidades especiais em grau desproporcional em relação aos homens. Isso ocorre tanto quando o fazem como parte de suas funções cotidianas na vida doméstica – e, portanto, sem serem remuneradas por isso – como quando são cuidadoras ou trabalhadoras domésticas remuneradas (BIROLI, 2018, p.14)

Por acreditar no sofisma de que a mulher não possuía inteligência, a sociedade a deixava à margem, um sujeito invisível por muito tempo. O peso da opinião social na formação da mulher é uma presença constante. Beauvoir (1980) dizia que é o conjunto de normas decididas pelo meio social que leva o sujeito feminino até a condição de mulher e não seu nascimento sob esse gênero, porque “enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada.” (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Podemos afirmar que a subjetividade da mulher era também moldada pelos costumes presentes na sociedade, o que mostra a força dos fatores externos na construção desse sujeito mulher, o que pode ser visto, ainda, nos dias de hoje.

A história contribuiu, de certa forma, para a força das diferenças entre homens e mulheres. Os homens são vistos como os trabalhadores enquanto as mulheres ocupam lugares de pouca importância na sociedade.

Por serem vistas como inconsequentes, as mulheres eram cercadas de cuidados exagerados, desde a juventude, pelo perigo de que se desviassem do caminho certo, até a idade adulta, pelo compromisso firmado com o lar e com os deveres de esposa.

2.1- A mulher e as mudanças no tempo

A mulher enfrenta muitas dificuldades para construir sua identidade. Várias forças contrárias atravessam seu caminho, culpando a mulher por grandes males descritos na história.

Na era medieval, a mulher era ligada à ideia de pecado, era vista como um instrumento do mal. Se buscava aprender sobre a natureza e o uso medicinal das plantas, era acusada de bruxaria. Se era bonita, era dada em casamento pelo pai para aquele que tivesse sua lealdade ou para algum príncipe de reinos distantes para selar uniões entre os reinados. Como afirma Macedo (2014), em sua obra *A mulher na idade média*.

Na idade média, quando deixava a obediência do lar dos pais, a mulher era elevada a outro lugar: o de esposa, que também lhe exigiria obediência, agora ao marido. O medo de não encontrar um marido para constituir família, em certas épocas da história, era um verdadeiro terror na vida da mulher. Não ter uma família era, talvez, o mesmo que estar exilada socialmente

Se avançarmos na história, veremos que mesmo com algumas mudanças, a mulher continuaria a sofrer. Com o avanço dos tempos, as mulheres conquistariam algum espaço na sociedade, mas esse espaço seria ainda muito pequeno, por causa da força das tradições que colocavam o homem no lugar de destaque.

Os casamentos arranjados, a cobrança pela “inocência” do corpo, a criação dura, as regras de comportamento e uma vida de obediência eram comuns às mulheres em certas épocas. Na década de 30, século XX, ao redor do mundo, as mulheres lutavam por direitos, e foi nessa época que conseguiram o direito ao voto. Mas, mesmo lutando, a mulher ainda era vítima das desigualdades.

A mulher era idealizada como um ser frágil. Na década de 50, século XX a diferença entre homens e mulheres ainda era fortíssima, e embora a mulher trabalhasse, seu trabalho era visto como algo de pouca importância. A mulher idealizada era aquela que estava dentro do modelo tradicional de feminilidade, doçura e submissão como afirma Del Priore *et. al* (1997)

As moças que não seguiam este modelo eram condenadas e não tinham direito de casar. Quando se desviavam, muitas eram expulsas de casa, se tornando prostitutas, ou eram internadas, contra a vontade, em conventos.

O cenário feminino nas décadas de 60 e 70 estava cheio de ideais feministas. O feminismo lutava pela derrubada da desigualdade entre os gêneros, pedindo direitos iguais para homens e mulheres. Nas décadas de 80 e 90, os movimentos feministas foram crescendo e a luta das mulheres por igualdade ganhou forças com o passar dos anos.

Nos dias atuais, a mulher tem conquistado seu espaço na sociedade, mas não sem luta. As lutas ainda são as mesmas das décadas passadas. Justiça, igualdade e segurança. Ainda há uma pequena participação feminina na política, mesmo após mais de 80 anos do direito de votar. Ainda há uma diferença no mercado de trabalho, ainda há raiva contra as que decidem não ter família. Ainda há cobrança por beleza e feminilidade.

Muito tempo se passou desde a Idade Média, mas ainda assim, o sujeito mulher é temido e perseguido pela sociedade. Mas esse sujeito luta para quebrar os modelos. Luta por lugares melhores no mercado de trabalho. Luta por segurança. Luta para existir. E em meio às lutas, a mulher vai superando as barreiras ao redor.

2.2- mulher e maternidade

A maternidade era uma condição tida como essencial do gênero feminino, vocação absoluta de toda mulher. O instinto maternal era cobrado da mulher, uma vez que seu papel seria unicamente o de esposa, cuidadora do lar e mãe.

Muitas mulheres eram incentivadas a serem mães cedo, quando a juventude pode permitir um maior aproveitamento do tempo com os filhos. Algumas escolhiam uma maternidade mais madura, quando já conquistaram sua independência. Outras escolhiam não ter filhos.

Em momentos passados da história, não conseguir ser mãe era algo que causava grande complicação na vida das mulheres, pois eram elas as responsáveis pelos herdeiros que dariam continuidade à família. Não poder engravidar era mais uma condenação para o sujeito feminino e o homem, muitas vezes, buscava outras mulheres, trazendo para casa os filhos dessas uniões.

Para Biroli (2018), a maternidade faz as desigualdades ficarem ainda maiores, pois o cuidado com o lar e com os filhos é destinado para a mulher, o que a deixa sobrecarregada.

Da maneira como é definida a divisão de tarefas na criação das crianças, a mulher perde sua independência. Vem daí a crítica de certos grupos sobre a maternidade.

Sobre essas críticas, a autora afirma que

O que levou boa parte do feminismo à crítica da maternidade é que ela tem sido historicamente definida pela divisão do trabalho, sobrecarregando, assim, as mulheres e restringindo sua participação em outras esferas da vida, enquanto libera os homens das responsabilidades e do trabalho envolvidos no cuidado das crianças. Por isso é que se transforma em fator de vulnerabilidade para as mulheres. (BIROLI, 2018, p.107)

Talvez por isso algumas mulheres não queiram ser mães, pois, se sentiriam sem liberdade. Essas mulheres são condenadas pela sociedade por não quererem a maternidade, inclusive pelas próprias mulheres. A rotina estressante e a falta de tempo, são fatores que levam a mulher a não desejar a maternidade, ou ela apenas não possui “vocação”, quebrando o mito de que toda mulher nasceu para ser mãe. Há ainda aquelas que não podem ser mães por problema de saúde.

Esse aumento no número de mulheres que abrem mão da maternidade pode demonstrar uma mudança na forma de vida do sujeito feminino. A entrada da mulher no mercado de trabalho e em cargos de maior destaque; a escolha por uma vida de maior liberdade e com uma maior independência financeira, ou a liberdade de relacionamentos passageiros são fatores que comprovam a melhoria da vida feminina.

Quando a maternidade ocorre nas classes pobres, os problemas são ainda maiores. A maternidade na pobreza é quebrada, pois as mães não possuem a independência suficiente para abrir mão do trabalho, e precisam deixar seus filhos, muitas vezes sozinhos, para prover seu sustento. (BIROLI, 2018).

Algumas mulheres, mesmo sendo mães, sentem-se tristes por não terem um instinto materno apurado. Acabam acreditando que não sabem criar seus filhos, o que leva a sérios problemas familiares. Essas mães sofrem pressão por parte da sociedade, o que as torna ainda mais tristes com a ausência de um instinto.

Muitas são alvos da condenação da família, quando as mulheres mais velhas criam opiniões e métodos para criar um filho e acabam confundindo a cabeça da mulher que é mãe pela primeira vez e que está num mundo totalmente novo.

A ausência do pai, por problemas internos ou externos, tais como: separações, traições, mortes prematuras, êxodo em busca de empregos, entre outros, é outro fator negativo para a maternidade. As mulheres abandonadas por seus maridos, as divorciadas e as viúvas têm pela frente o desafio de criar sozinhas seus filhos. Na realidade, alguns estudos de recenseamento mostram que muitas famílias tem a mãe como chefe do lar. Em anos passados, essa ausência paterna era muito mais forte, pois uma mulher sozinha e com filhos era mal vista pela sociedade, era considerada uma mulher fora dos padrões da época.

É possível perceber, então, que é muito difícil o caminho do sujeito mulher em sua construção social. Cada fase de sua vida apresenta novas dificuldades e a mulher luta para vencer cada uma delas, seja na vida real ou nas páginas dos livros.

Os registros da história nos mostram a longa caminhada das mulheres e na literatura podemos encontrar sujeitos mulheres, do passado e do presente, que enfrentaram e enfrentam os desafios nessa estrada de se tornar mulher.

2.3 A mulher na Literatura

A história das mulheres tem grande parte de sua narração na literatura, seja ela autobiográfica ou de ficção, mas as mocinhas dos romances atuais são muito diferentes daquelas da literatura clássica. As protagonistas femininas da literatura atual estão longe do perfil de mocinhas pálidas, também não são poderosas como as heroínas. Elas são mulheres normais, que não possuem poderes, mas que podem fazer grandes coisas.

Quando se trata da literatura de escrita feminina, haveria então uma aproximação da mulher leitora com aquela mulher que escreve e, principalmente, com a personagem do romance, quando a mulher passa a identificar nas experiências da personagem a sua própria vida

Para Rodrigues (2016)

quando uma mulher se propõe a ler uma autora, não é uma mulher que olha para outra mulher apenas, mas sim uma mulher que consegue se ver no escrito e olhar também para si mesma, uma vez que leitora e autora ocupam um mesmo espaço subjetivo e minoritário. (RODRIGUES, 2016, p.24)

Esse espaço seria pequeno porque a escrita da literatura foi, por muito tempo, um lugar masculino.

A escrita feminina narra a vida da mulher comum: suas dores, suas vitórias, tristezas e alegrias. Longe do perfil de mulheres sensuais e endeusadas, características da escrita masculina que transformava a mulher em uma deusa idealizada. (RODRIGUES, 2016)

Essa simplicidade da mulher normal aproxima personagem e leitora e é através desse tipo de escrita que a mulher identifica as lutas das suas iguais, as mudanças da sociedade e da história a partir de um novo olhar feminino na literatura.

A beleza dessas personagens da escrita feminina não está no corpo, mas sim no fato delas se aproximarem da realidade de cada mulher fora das páginas. Embora ainda haja muitos questionamentos acerca de que tipo de mulher se destaca nessas obras e qual é afastada delas, a resposta para essas perguntas só pode ser encontrada nas próprias tramas. (RODRIGUES, 2016).

Decidimos abordar sobre a mulher na literatura, e escolhemos como ponto de partida deste estudo a construção de um personagem feminina em um romance contemporâneo. A personagem é a protagonista do romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, obra publicada no ano de 2014.

Alice é uma mulher comum, professora aposentada que recebe um chamado que a leva para uma aventura cheia de descobertas e de dores. A personagem mostra, através da narração de suas experiências, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e as problemáticas que envolvem a maternidade.

No próximo capítulo apresentaremos Alice e suas vivências no difícil caminho percorrido pela personagem, através das escolhas que ela faz e as das que lhe são impostas.

3- CAPÍTULO 2 - ALICE: DAS BORDAS SOCIAIS AO PAÍS DAS MARAVILHAS

O preconceito contra os nordestinos não é algo novo. Quando alguém deixa o Nordeste para buscar uma melhor qualidade de vida em grandes capitais, não é raro que seja vítima de discriminação.

Quando o nordestino muda para as grandes cidades do Sul, esse preconceito é ainda mais forte. A personagem da obra que escolhemos como objeto de estudo sofre na pele a sensação de ser discriminada quando sai de João Pessoa para Porto Alegre.

Ao chegar na cidade de Porto Alegre, Alice passa a ser chamada de “brasileirinha”, apelido preconceituoso recebido pelos nordestinos que se aventuram a ir para lá.

Muito diferente da ideia que a personagem tinha a respeito do Sul, Alice descobre miséria e desigualdade nas terras alegrenses, e, em uma busca que a leva aos piores lugres da cidade, a professora aposentada acaba descobrindo que a cidade não é tão alegre quanto seu nome sugere.

Para entender Alice, precisamos conhecer a mulher por trás da obra, e assim, desvendar o que levou a personagem a cair tão profundamente no País das Maravilhas.

3.1- Maria e Alice: escritora e personagem

Uma vida sossegada à beira-mar era tudo que Alice, personagem principal de *Quarenta dias*, gostaria de ter na sua aposentadoria. Professora aposentada de francês, Alice, uma senhora, vivia na cidade paraibana de João Pessoa. Perto do litoral.

O desejo de Alice é desfeito quando Norinha, sua única filha, vem em busca da mãe para levar ela para o Sul, lugar onde a filha morava com o marido. A personagem vem trazida por sua filha, para que cuidasse de um neto que ainda nem tinha nascido. Quando chega, Alice descobre que a filha e o marido irão passar seis meses morando em outro país, para que o genro fizesse um pós doutorado e a filha recebesse uma bolsa de estudo.

Alice se nega a ir, e para entender o que levou a professor a ceder, é preciso recuar um pouco ao seu passado.

Desde a juventude, Alice era tratada com indiferença pela família. Na ocasião em que conhece Aldenor, rapaz do Sul, alto, loiro e de olhos claros, as tias teimam em dizer para Alice que aquela relação não iria para frente. No entanto, do namoro, surge Aldenora, que mais tarde seria chamada de Norinha. A menina tem as feições do pai. O romance pouco durou, pois Aldenor, envolvido com as lutas da ditadura, acabou sumindo, e Alice não sabe nem se o pai de sua filha está vivo ou morto.

A perda de Aldenor traz para Alice uma grande responsabilidade: a de criar sozinha a filha. Mesmo na década de 60/70, quando as mulheres já tinham conquistado alguns direitos, uma mulher sozinha, sem marido, desamparada, ainda era mal vista pela sociedade, ainda mais pelas circunstâncias do desaparecimento do pai de Norinha.

Com as dificuldades da vida de mãe solteira, Alice começa a trabalhar, dando aulas de francês. Para sustentar a filha, a professora acaba se distanciando da menina, o que, anos mais tarde, seria o maior peso para sua escolha diante do pedido da filha.

Alice é um exemplo da mulher que não possui uma vocação maternal. Sua relação com a filha é construída na distância da mãe que precisa deixar os filhos para trabalhar. Norinha cresce, então, sem a presença do pai, desaparecido, e da mãe trabalhadora que precisa sustentá-la. Alice se sentia culpada por não ter dado à filha o cuidado que ela deveria ter tido. A mãe gostaria que a filha estivesse preparada para enfrentar a vida, como a própria Alice diz no seguinte fragmento:

Cuidei mais do que tudo para que minha filha recebesse muito carinho, amor incondicional, mas sem mimos e complacência, havia de ser forte, reta e generosa como o pai... (REZENDE, 2014, p.30)

As duas tinham uma boa relação, até a entrada de Norinha na faculdade, período em que a mãe passou a lamentar a mudança de comportamento da filha. As culpas que Alice carrega acabam fazendo com que ela ceda aos caprichos da filha, que praticamente a recruta para o cargo de avó, e exige que a mãe se mude para Porto Alegre, pra cuidar de uma criança que ainda nem existia. Na cidade, a professora é abandonada pela filha e embarca numa peregrinação cheia de altos e baixos.

Alice não queria ir para o sul com a filha, mas a família, manipulada por Norinha acaba fazendo a professora ir. Alice se sentia culpada por não ter dado uma vida melhor para a filha, sentia que não tinha sido uma boa mãe, e Norinha usou isso para convencer Alice a fazer o que ela queria.

A filha atribuía à mãe toda a culpa que Alice achava que tinha, como podemos ver no seguinte trecho:

Disse que se eu não tivesse generosidade para ajudá-la agora era melhor não ter tido filha nenhuma, que eu me decidisse logo, senão ia ser tarde demais. [...] e essa toada continuou por dias e dias. (REZENDE, 2014, p.27)

Ao chegar ao fim das férias Norinha se foi, praticamente batendo a porta, sem um até logo, sem um abraço caloroso, apenas se foi. Alice ficou em João Pessoa querendo entender o fruto do mal-estar que se criou entre ela e a filha, o desabafo da filha acusatório sobre a mãe a fez voltar ao passado, e reviver alguns tipos de comportamento que Norinha tinha com ela. Após toda a manipulação da filha, mesmo que não visse em si mesma toda essa culpa, Alice acabou concordando com a viagem, com a chantagem e os fantasmas do passado, como vemos no trecho.

Foi pelas cicatrizes que ela me pegou e não largou mais, chantageando: por minha culpa ela tinha crescido praticamente sozinha, eu me ausentava, só pensando em trabalhar para esquecer a tragédia da minha juventude, ela não tinha culpa de nada, foi eu que nem tive coragem de recomeçar a vida, de lhe dar um novo pai, que ela, a bem dizer, nunca teve nenhum, não lhe dei irmãos... (REZENDE, 2014, p.27)

Alice é mais uma personagem complexa das obras de Maria Valéria Rezende. A escritora, que nasceu em São Paulo, mas vive no Nordeste desde 79, é freira e, também, ex-professora, um elo que talvez a aproxime de sua personagem. *Quarenta dias*, obra de 2014, rendeu à Maria Valéria o prêmio literário Jabuti, na categoria de melhor livro de ficção de 2015.

A autora aborda em suas obras temas que se referem às minorias que não possuem voz na sociedade. Aids, miséria, preconceito, prostituição são algumas das temáticas que Maria Valéria trabalha, tendo obras de sua autoria já indicadas como leituras para o vestibular e várias universidades brasileiras.

Mesmo religiosa, Maria Valéria é ativista e militante ativa dos movimentos femininos. A freira dedicou grande parte de sua vida ao ensino popular, dentro e fora do Brasil. A escritora também é poeta. Maria Valéria é grande militante também no cenário político.

As mulheres das obras da autora são personagens fortes, desde Irene, prostituta soropositivo que ensina um pedreiro analfabeto a ler em *O voo da Guará Vermelha*, até Alice, que se joga no desconhecido em busca de uma ilusão de salvação. Com seus personagens, Maria Valéria fala da vida, suas belezas e suas dores. A autora é capaz de criar uma personagem que, mesmo já numa idade avançada, consegue dialogar com uma certa menina, igual em nome e em jornada, eternizada na literatura mundial.

3.2- A Alice em Alice: a viagem ao Sul Maravilha

Uma menina que se perde numa toca perseguindo um coelho. Uma senhora que se lança numa jornada em uma terra desconhecida buscando um alguém que nunca viu. As semelhanças entre a Alice, de *Quarenta dias*, e a Alice, de Lewis Carrol não param apenas no nome.

Assim como a menina entra na toca do coelho e chega ao País das maravilhas, Alice é arrancada de sua cidade e de sua vida, seguindo uma promessa de ser avó. Mas, a professora acaba descobrindo que, assim como no País das Maravilhas, nem tudo é beleza.

Ao compararmos os dois romances, podemos ver uma grande semelhança entre as duas obras. O próprio apartamento em que a professora vai morar em Porto Alegre parece muito com o grande salão no qual a menina Alice chega após a queda no poço. O lugar estranho que causa aflição para a professora, em muito parece com o salão das portas da obra de Carrol. Vejamos a comparação entre os seguintes trechos das duas obras

Não era preciso dizer nada, porque ela perguntava e respondia em meu nome, gritando aqui da cozinha, enquanto desensacava os pacotes e escondia as coisas atrás de sei lá qual dessas **dezenas de portinhas brancas por cima desses azulejos pretos...**
(Alice, *Quarenta dias*, p.48)

Viu-se num salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas do teto. **Haviam portas ao redor do salão inteiro**¹, mas estavam todas trancadas... (Alice, *Alice no País das Maravilhas*, p.17)

¹ Grifos nossos

A presença das portas no lugar desconhecido é o choque inicial que liga as duas Alices na chegada aos novos mundos. Tanto a professora quanto a menina se sentem com medo no encontro com aquilo que era estranho para a duas.

Norinha, a filha de Alice, pode, facilmente, ser comparada com a louca Rainha de Copas. Assim como a rainha, Norinha manda e desmanda na vida da mãe e tudo deve ser ao seu gosto. Quando vai visitar a mãe em João Pessoa, Norinha a faz de empregada, convidando os amigos para casa e obriga a mãe a cozinhar para eles, sempre dando ordens, assim como a rainha fazia com quem estava ao seu redor.

Norinha sempre tinha sido uma menina egoísta, que culpava a mãe por não ter tido um pai ou uma nova família. Ela achava que isso lhe dava o direito de mandar na mãe, de dar ordens e querer que fossem cumpridas imediatamente, como a Rainha de Copas. Norinha que decidiu o dia da mudança da mãe e que escolheu o apartamento dela.

Como a rainha, Norinha exigia a obediência da mãe, arrumando tudo no apartamento de Alice, sem permitir que ela tivesse uma opinião. Como a Rainha de Copas que mandava pintar as rosas brancas de vermelho vivo, a filha arranjava cada detalhe do “cativeiro” da mãe, que observava tudo, mastigando um pedaço de queijo, para evitar discutir com a filha. Podemos ver esse lado de Norinha no seguinte trecho:

E por aí foi, Norinha perguntando e respondendo por mim até esvaziar a última sacola [...]Tá gostando do apartamento, mainha? Tá adorando, aposto, “clean”, tudo novo, próprio pra começar uma vida nova... (REZENDE, 2014, p.49)

Outro personagem que embora não apareça pessoalmente na obra, mas que tem nela enorme importância, é Cícero Araújo, o filho da manicure Socorro que morava na Paraíba, que foi levado para Porto Alegre por uma construtora a trabalho e já fazia quase um ano que tinha dado notícia e essa mãe onde se encontrava angustiada e desesperada sem notícias do seu filho. Se trouxermos Cícero para dentro do universo de *Alice no País das Maravilhas*, podemos dizer que o rapaz perdido da obra de Maria Valéria seria o coelho branco que desperta a curiosidade da menina Alice e a leva direto ao País das Maravilhas. Alice, a professora, se lança numa busca em um lugar desconhecido apenas pelo desejo de sair de onde estava. A referência ao coelho é feita de modo real na obra de Maria Valéria, o que se pode ver no seguinte trecho:

Eu nem percebi, naquele dia, quando sai de casa atrás de um quase imaginário, um vago Cícero Araújo, que estava, na verdade, correndo atrás de um coelho branco de olhos vermelhos, colete e relógio, que ia me levar para um buraco, outro mundo. (REZENDE, 2014, p.102)

Durante toda a sua caminhada nos 40 dias, Alice corre de um lugar para outro em busca do coelho branco que tinha lhe metido naquela aventura; no seu caso, Cícero, a quem, a professora desejava encontrar.

Por último, nesta comparação, está a própria Alice. Não é apenas o nome que a personagem de Maria Valéria compartilha com a menina de Carrol, mas também o desejo de ver e conhecer coisas novas.

Quando a menina Alice encontra a porta para entrar no País das Maravilhas, ela precisa tomar uma poção que a faz encolher. Da mesma forma, a Alice de Maria Valéria se sente diminuída quando chega ao apartamento que a filha reservou para ela e quando descobre que Norinha possuía as chaves para entrar e sair do lugar na hora que bem entendesse. A professora também se vê diminuída pelo preconceito dos sulistas que insistem em lhe chamar de brasileirinha e em implicar com o tom moreno de sua pele.

Alice encontra em seu caminho Lola, uma amiga que lhe dá abrigo na rua e um ou outro conselho. Lola poderia ser, talvez, o Gato de Cheshire, que faz a menina Alice perceber que todos ao seu redor são meio loucos, talvez a Lagarta azul, que ajuda Alice a esquecer um pouco de suas angústias.

Nos 40 dias que passa na rua, Alice descobre o lado esquecido de Porto Alegre. Na sua peregrinação, ela conhece lugares onde nunca pensou em ir, e pessoas que mesmo não tendo muito, ajudam a professora. Mesmo dizendo que buscava por Cícero, Alice procura por ela mesma, e em uma jornada que lembra muitos episódios da Bíblia, a professora segue nessa busca. Com poucas coisas numa bolsa, a velha professora se perde nas ruas e durante 40 dias; ela procura por Cícero e por si mesma nas periferias de Porto Alegre.

4- CAPÍTULO 3 - 40 DIAS NO DESERTO: AS TENTAÇÕES DE ALICE

“40 dias no deserto, 40 anos. Só agora sei exatamente quanto tempo durou essa maluquice” (REZENDE, 2014, p.18). É assim que Alice fala sobre tudo que lhe aconteceu nos 40 dias que viveu nas ruas.

Na obra, Alice não fala sobre os pais. Apenas sobre uma tia, moça velha. A professora perde o marido cedo. Sua única família era a filha, que ao entrar na faculdade, começa a se distanciar da mãe e a abandona quando casa e vai morar no Sul. Quando a vida de Alice está se acalmando e ela quer viver a aposentadoria, Norinha leva a mãe para uma cidade estranha e a abandona mais uma vez.

Sozinha na cidade, Alice fica triste depois de saber do que Norinha tinha feito; a professora passa sete dias sem falar com ninguém. No sétimo dia, Alice ouve o telefone tocar e decide ir atender. É Elizete, amiga da Paraíba. A mulher liga para fazer um pedido para Alice, o de ajudar uma desconhecida a encontrar seu filho que está perdido, o que se vê no seguinte trecho:

Alice, já voltou de Jaguarão?, afinal!, que bom, porque a Socorro tem uma coisa importantíssima pra lhe pedir [...] é que o filho dela, o Cícero, foi-se embora pra lá levado por uma construtora, faz quase dois anos, e sempre ligava pra ela, toda semana, dando notícia, e agora Socorro está desesperada porque faz quase um ano que ele não deu sinal de vida, nem o celular dele não responde, ela chora todo dia, ninguém sabe mais nada dele. Tinha arranjado uma namorada e estava morando com ela na vila Maria Degolada. Vê se você vai lá nessa vila Maria Degolada e consegue notícia de Cícero, Cícero Araújo é o nome completo, só isso mesmo. (REZENDE, 2014, p.91/92)

A ex-professora está sozinha em uma cidade que não conhece e está magoada com a filha. Alice vê nesse pedido, uma chance de escapar daquele lugar, e buscando um filho perdido, ela sentia que talvez pudesse esquecer sua dor, porque sentia a dor de outra mãe que não sabia onde estava seu filho.

Alice sabia que não tinha obrigação de ir, mas o nome do lugar e a vontade de ser útil acabaram fazendo a professora aceitar o pedido de Elizete. Talvez, por ter sido abandonada por Norinha, Alice queria ajudar outra mãe, para tentar esquecer da culpa que sentia por nunca ter se dado bem com a filha. Mesmo sabendo que tinha feito o possível para criar Norinha, Alice ainda sentia que não tinha sido uma boa mãe.

Então, resolve seguir viagem procurando Cícero, sem muito planejamento, como vemos no seguinte trecho:

Vesti a primeira roupa que vi no armário, agarrei a mesma bolsa grande usada na viagem, dentro havia um resto de coisas, nem olhei, joguei nela o chaveirão que Norinha me tinha entregue, a bolsinha do dinheiro trocado com o cartão de banco, a carteira de identidade, o celular e fui. (REZENDE. 2014, p.92/93)

É assim, com pressa e sem muito cuidado, que Alice sai em busca de um desconhecido. A partir daí, começa a peregrinação de uma mulher que procura um filho perdido de outra mãe, enquanto tenta se encontrar.

4.1- A peregrinação de Alice

A Bíblia diz que, durante 40 dias, Jesus peregrinou pelo deserto para fortalecer sua fé. Pelo mesmo período de dias, Alice andou pelas ruas de Porto Alegre procurando por um desconhecido, buscando curar a dor que sentia por ter sido abandonada pela filha Norinha. Talvez, assim como Jesus foi ao deserto para refletir sobre sua missão, Alice tenha partido em peregrinação para saber quem realmente era.

Na Bíblia, os livros de Mateus, Marcos e Lucas contam essa passagem, o jejum de Cristo, a solidão do deserto e as tentações feitas pelo diabo a Jesus. A missão de passar 40 dias isolado e sem comer era difícil, e Jesus precisava resistir. Assim também era a missão de Alice, que não tinha nada mais que um nome de alguém que ela nunca tinha visto e que devia procurar.

A primeira parada na peregrinação de Alice é a Vila Maria da Conceição, que era conhecida como Vila Maria Degolada. A vila era conhecida assim pela história de uma mulher que teria se envolvido num romance que acabou mal. A mulher morreu degolada e depois de sua morte surgiu o boato de que milagres eram realizados pela morta a quem pedisse. Alguns diziam que Maria era uma mulher da vida. Outros diziam que era uma moça de família que tinha sido atacada por um soldado e, na tentativa de se defender, foi morta por ele. Como morreu para guardar sua pureza, a menina era considerada uma santa.

Assim que chega até lá, os moradores contam para Alice essa história. No morro havia uma capelinha que era um local onde as pessoas iam para rezar. Lá, Alice encontra muitos nordestinos, o que deixa a ex-professora surpresa, por saber que naquela cidade havia um lugar como aquele.

A imagem que Alice tinha de Porto Alegre era de uma cidade bonita e sofisticada, onde não havia favelas. Ao encontrar a pobreza da Vila, a professora fica chocada com toda aquela

gente sem modos. Nesse momento, Alice entra na parte feia da cidade, parte que será seu deserto.

Depois da chegada e da conversa sobre a santa, Alice conta aos moradores sobre Cícero e sua busca. As mães presentes ficam todas emocionadas com a história e começam a ajudar a professora a procurar o desaparecido.

Após saberem da procura, os moradores começam a levar Alice pelas ruas da Maria Degolada, sem reclamar e todos ajudavam, o que podemos ver no seguinte trecho:

História de mãe, desesperada, procurando por filho perdido era um abre-te Sésamo! Todos nos atendiam, não sabiam nada de Cícero, não conheciam nenhum, mas o interesse não acabava aí, tinha um sem fim de casos de mãe chorando por filho desgarrado, desaparecido, morto... (REZENDE, 2014, p.116)

O fato de algumas mães terem histórias iguais aproximava cada uma de Alice. E assim, a professora seguiu pelas ruas da Vila, em busca de Cícero.

Andando pela Maria Degolada, Alice chega até o chefe que comanda o local. Adelaide, uma das moradoras que ajudam Alice, conta ao homem a história de Cícero. O homem diz para a professora que não adianta procurar o rapaz por lá, mandando Alice ir para outro lugar. Assim se encerra a passagem de Alice pela Vila Maria Degolada.

Depois que sai da Maria Degolada, Alice vai parar em outra vila, a Vila João Pessoa. O nome da vila configura um ciclo de retorno, pois, se remete ao nome da cidade natal da professora, João Pessoa, lugar de onde ela saiu. Ela anda pelo lugar, parando em cada comércio e contando a mesma história. A vila era um alojamento para trabalhadores de construtoras. Alice vai até lá seguindo a pista de que Cícero trabalhava em uma construtora antes de sumir.

Orientada por uma moradora, Alice vai até o lugar indicado. Mas lá, ela encontra com três mendigos, e um a persegue. Alice enfrenta então o primeiro sufoco de sua peregrinação, e quase é atropelada na fuga. Ela descobre que o lugar é, na verdade, um local de desmanche para carros velhos.

Seguindo a caminhada, Alice chega ao alojamento, mas lá tem outra decepção, pois sabendo apenas o nome, ela jamais encontraria Cícero, só se soubesse um apelido. Galo, um dos homens do lugar, dá para a ex-professora uma nova pista, como vemos no trecho a seguir:

Só se for o rapaz que se acidentou ontem, de outro alojamento, era novo na obra, a gente quase não conhece, o Samu levou, só se a senhora for lá ver no pronto socorro, junto do Parque da Redenção, sabe? (REZENDE. 2014, p.140)

Mais uma etapa da peregrinação de Alice fica para trás e ela vai em busca do hospital na longa caminhada pelo deserto de Porto Alegre.

No pronto socorro, Alice encontra uma enfermeira que diz para ela que não há nenhum Cícero lá, e que não havia dado entrada nenhum trabalhador de obras. Desenganaada, Alice enfrenta a primeira provação de sua peregrinação: a fome, mas diferente de Cristo, a professora cede à tentação do apetite.

Quando vai em busca de comida, Alice conhece outra mãe que está no hospital com o filho acidentado. Juntas, elas dormem no saguão do pronto socorro. Cansada, Alice se entristece pela dura realidade ao seu redor, e descansa o corpo no que ela chama de não lugar.

Mesmo sem ter uma nova pista, Alice decide ir embora do hospital, porque não gosta muito dos médicos. Ao encontrar o cartão do banco, Alice saca dinheiro e vai até uma padaria. Lá, ela reflete sobre o conselho que a enfermeira tinha lhe dado sobre ir ao IML, mas Alice decide não ir perturbar os mortos. Sem rumo, ela volta ao hospital. Lá, ao ver tanta gente sofrida, a professora lembra do parque que Galo tinha lhe falado como ponto para achar o hospital.

Alice sai andando por lugares com árvores e pássaros, flores e luz do sol. Quando chega até o lago, a professora cansada se deita e dorme na grama daquele oásis encontrado no deserto por onde caminhava. Quando acorda, Alice anda sem rumo pelas avenidas, sem coragem e sem saber para onde seguir. Ela passa por lojas, livrarias e por uma pensão que servia de motel.

Depois de muito andar, Alice chega na rodoviária e se assusta com o tamanho do lugar. Depois de sacar mais algum dinheiro, ela sai em busca de um banheiro para tomar um banho. Para em uma lojinha e compra umas roupas e vai em busca do chuveiro, pois se sente suja depois da peregrinação.

Cansada, Alice encontra um chuveiro. Ali, uma cena bonita acontece: depois de andar pelo deserto e passar por algumas provações, Alice vê no banho um novo batismo. Uma cura para suas costas doloridas. Assim como Jesus se sente forte depois de seu batismo no Rio Jordão, Alice fica mais forte após o banho.

Depois de passar a noite na rodoviária, Alice recebe uma ligação do chefe da Maria Degolada, falando sobre um campo de futebol onde alguns nordestinos estariam e que talvez

ela encontrasse Cícero lá. Ela sai então em busca do Campo da Tuca. Chegando lá, Alice não encontra o desaparecido, mas encontra muita solidariedade.

Alice sabia que ali não precisava de muitos exageros, pois estando entre seus iguais, ela seria compreendida, o que se pode ver no trecho seguinte:

Contei a história toda, pra aquele ali como pra os demais, da minha terra, agora abrangendo o Nordeste inteiro, não precisava fazer aquele floreio todo... (REZENDE, 2014, p.201)

Mais uma vez, os nordestinos, seus iguais de terra, mesmo vivendo em um lugar de segregação, ajudam Alice, e mesmo longe de João Pessoa, a professora se sente em casa.

Numa de suas andanças pelas praças, Alice conhece Lola, mulher que lhe diz ter uma bela e grande casa, conversa essa que não convence muito Alice, então quando Alice conta a história de Cícero, Lola também não acredita na professora e as duas seguem seus caminhos.

A partir de certo momento, a professora inicia a parte mais difícil da peregrinação em seu deserto pessoal. Alice começa sua descida ao mundo da exclusão. Depois dessa etapa. A velha professora se torna uma moradora de rua, passando a andar sem rumo pelos lugares, dormindo na rua, peregrinando. Ali, Alice começa a se encontrar, mesmo em meio ao desencontro. Nas ruas, Alice encontra muitos semelhantes, pessoas sem lar, abandonadas, arrancadas de sua vida, e a velha senhora se reconhece entre eles.

A certa altura, Cícero e sua busca já são pretextos para Alice. Ela já quase não pergunta mais sobre o rapaz desaparecido, apenas anda sem rumo, conhecendo pessoas e lugares. Sua busca passa a ser por ela mesma, por suas raízes, o que se mostra no seguinte trecho:

Várias vezes, porém, me reaparecia a vontade de procurar por Cícero, talvez penas para marcar compasso naquela andança fluída e dar-lhe de novo algum sentido, fazia de conta que ia em busca dele e tomava um ônibus qualquer, até um terminal de onde partiam outras linhas para os municípios em torno de Porto Alegre, descia no ponto final e recomeçava a peregrinar olhando o que houvesse, avenidas ou becos, perguntando por Cícero Araújo apenas quando precisava de uma senha para me aproximar e falar com alguém. Cícero não me faltava nunca, cumpria com perfeição sua função de álibi, dócil, mudando de endereço segundo minhas necessidades ou fantasias. (REZENDE, 2014, p.214)

Alice não se incomoda mais com sua busca. Ela deseja ficar ali, longe da solidão de um apartamento xadrez, numa cidade que não é sua.

Na sua primeira noite dormindo na rua, a protagonista encontra um plástico bolha que faz de cobertor, e com as estrelas como teto, Alice dorme sem medo em sua nova vida. Mesmo na rua, correndo risco de vida, ela não deseja voltar para casa.

Aquele apartamento arrumado por Norinha não é sua casa. Na rua, Alice encontra seus semelhantes, alguns são nordestinos como ela, e, mesmo naquele lugar esquecido pela sociedade, ela começa a se encontrar

Um momento muito simbólico na peregrinação de Alice é o dia em que ela acha que sua imagem está destoando da situação em que vive. Alice compra, então, algumas camisas e veste uma por cima da outra, para ficar parecida com uma verdadeira moradora de rua, como podemos ver no trecho a seguir:

Vesti as três camisas, uma por cima da outra, e amarrei na cintura o casaco de lã ruço, cheio de bolinhas, acabando de conquistar a total invisibilidade que eu desejava. Segui, assim, sentindo-me então mais confortável pra meter-me nas pequenas brechas da cidade. (REZENDE, 2014, p.219)

Neste momento, Alice abandona toda sua vida anterior e assume um personagem. Ela deseja se igualar aos outros que vivem na rua, ser invisível para poder peregrinar no deserto em que a quisessem mandar embora de lá.

Em uma de suas andanças, Alice conhece Arturo, um poeta fugido de sua terra natal, morador de rua. Arturo faz com que Alice se lembre de Aldenor, seu marido perdido, de quando ele escondia os companheiros de guerrilha em casa. A professora se torna amiga do poeta, mas em certo dia, eles se distanciam, e magoada, Alice se vai.

Enquanto chora a perda do amigo, Alice reencontra Lola. A catadora leva a professora para conhecer sua casa, um lugar abandonado que faz Alice lembrar das velhas construções *Art Nouveau*. Lola cata coisas pela rua e traz para casa. Lá, Alice encontra um lar. Toma banho e se alimenta. Mas, em certo momento, Lola lhe diz que ela precisará ir para rua, catar o sustento. Alice vai, se tornando catadora.

Alice conhece vários outros companheiros em situação de rua, certa forma a ajudavam. Assim como Cristo, Alice tinha a companhia de alguns “anjos” no deserto. Passados alguns dias, Alice se diferencia dos moradores de rua. Já é igual a eles, o que podemos ver no seguinte trecho:

Guiava-me o amanhecer e o entardecer, a chuva, o frio, o sol, a fome que se resolvia com qualquer coisa, não mais de dez reais por dia, a menor quantia que o caixa eletrônico cuspiam, às vezes suficientes pra mim e para Lola. Dias e dias. Nada mais na minha aparência, nem de longe, acho, me distinguia dos outros. (REZENDE, 2014, p.239)

Cícero já estava esquecido e Alice pensava só de vez em quando, onde o rapaz perdido poderia estar.

Numa noite em que Alice fica na rua até tarde, um encontro cheio de simbolismo encerra sua jornada. Ao entrar numa rua deserta, Alice vai parar num terreno baldio. Com medo da escuridão, a protagonista acende a lanterna de seu celular e encontra pequenas poças de sangue no chão. Mesmo com medo, Alice entra no terreno, até encontrar o dono do sangue, o que vemos no seguinte trecho:

Avancei mais um pouco, até dar com a luz bem na cara de um homem ainda jovem, os olhos esbugalhados, os braços abertos em cruz, e poça de sangue já seco, escorrido de um buraco num lado do pescoço dele, mortinho da silva. (REZENDE, 2014, p.242)

Após toda a peregrinação, 40 dias no deserto, Alice encontra um homem, um Cristo indigente, anônimo, braços abertos numa cruz, abandonado em seu próprio sangue. Alice tem uma revelação, a de que poderia ter finalmente, encontrado o que buscava, como vemos neste trecho:

Não podia fazer nada por ele, mas não era capaz de deixar o coitado ali sozinho, fiquei lá, coisas malucas passando pela minha cabeça, até mesmo a ideia que tinha, afinal, achado Cícero e como era que eu dizer aquilo à mãe dele?... Uma vontade de chorar... Até que a bateria do meu celular descarregou de vez e o morto sumiu na treva. (REZENDE, 2014, p.242)

Alice sabia que o homem negro morto não era Cícero. A professora foge, se machucando, sangrando, no corpo e no coração. Foge até encontrar um ponto de ônibus onde adormece. Machucada e cansada, Alice insiste em andar, sem querer voltar pro apartamento. Na rodoviária ela descobre que não tem mais um real na conta.

De volta para a casa de Lola, Alice está no lugar mais fundo do poço, e em seu mergulho em si mesma, não tem mais nada a perder. Até que Lola, como um dos anjos que serviram Cristo, determina o fim dos 40 dias de deserto para Alice. A moradora de rua manda a professora voltar para sua vida, pois aquela não é a vida que Alice merece.

Alice, vencida pela longa peregrinação, volta para casa após 40 dias de uma viagem de autoconhecimento. Na ilusão de buscar um filho perdido de uma mãe desconhecida, a professora encontrou a si mesma em lugares de exclusão, mas repletos de iguais com vontade de ajudar, a solidariedade de uma vida de segregação compartilhada.

Alice encerra sua andança pelo deserto e volta para o apartamento, consciente de tudo que viveu e deixou, e é com a seguinte afirmação que ela encerra sua peregrinação:

Voltei, assim, à superfície ainda por explorar. Suas rachaduras já as conheço todas e não esqueço. (REZENDE, 2014, p.245)

Após 40 dias, Alice retorna para o salão das portas do País das Maravilhas, sem o coelho branco, apenas ela e sua história.

4.2- O Sul Maravilha: os desencantos de Alice

Em sua peregrinação Alice vagou pelos lugares mais amargos de Porto Alegre. Viu uma face obscura de uma cidade que ela julgava ser sofisticada, cheia de beleza. Alice experimentou na pele a exclusão que milhares de brasileiros vivem quando migram de suas terras de origem, em busca de melhoria. Alice não se mudou buscando uma vida melhor. Seu destino já estava acertado pela filha egoísta. Alice foi arrancada de sua terra natal, levada á força para uma cidade desconhecida, onde a protagonista se perdeu de si mesma.

Para se reencontrar, Alice mergulhou, então, no poço mais fundo e precisou peregrinar por 40 dias no deserto, para assim como Jesus, fortalecer sua esperança. Lá, no fundo do poço, a professora aposentada viu a feiúra de lugares pobres, a vida simples de um povo sofrido, o abandono de uma grande parte da população que não pertencia aquele lugar.

Na elegante Porto Alegre, Alice era chamada de “brasileirinha”, um apelido cheio de preconceito que a população usava para designar os nordestinos que viviam ali. Até mesmo a empregada, contratada para cuidar do lar da paraibana, por ter pele e olhos claros, trata a patroa com indiferença. Alice é uma estranha em um lugar onde as pessoas se achavam superiores. Mas em seu apartamento, isolada do mundo, Alice apenas sabia desse preconceito pelos episódios que tinha vivido. Foi quando saiu de sua redoma que a professora encontrou o verdadeiro exílio.

Quando a personagem chega até a Vila Maria Degolada, ela se choca por descobrir a existência de favelas em um lugar que ela achava ser impecável. As ruas mal tratadas, as pessoas

esganiçadas, os lugares esquecidos pela sociedade alegre impactam Alice. Ali, ela presencia o pior do ser humano, a exclusão de seus iguais, nordestinos que não tinham um lugar na cidade e que eram exilados naquela vila.

Brasileiros sem pátria. Estrangeiros no próprio país. A própria Alice era também uma exilada, mesmo morando em uma parte bonita da cidade. Era uma mulher arrancada de sua vida, jogada num lugar que não era seu, longe do chão já tão conhecido das ruas de João Pessoa.

Centenas de nordestinos deixam suas terras para buscar a sobrevivência. Migram para as grandes cidades na esperança de conseguir um bom lugar para morar, um emprego digno e boa qualidade de vida. No entanto, muitos acabam em lugares como a Vila Maria Degolada, que mesmo sendo parte de um cenário de ficção, retrata a realidade de muitos brasileiros que perdem suas identidades e sua pátria numa terra que não é sua e que não lhes aceita. Mas, mesmo em meio ao caos da periferia, Alice encontra algo muito precioso: a solidariedade. Os nordestinos que encontra na Maria Degolada, seus iguais de terra, mesmo vivendo em condições difíceis, são solidários com a professora. Fazem questão de ouvir sua história, de tentar ajudar.

Adelaide é a representação daqueles que, mesmo exilados, ajudam seus semelhantes com alegria. A mulher acompanha Alice em sua caminhada na vila. Peregrina com a professora nas portas, perguntando sobre o filho perdido da mulher desconhecida. Ela vai com Alice para proteger a professora nos caminhos ignorados da favela, até que ela saiba que Cícero não está ali.

Esse caráter solidário não se perde, mesmo no sofrimento. Mesmo sendo estrangeiros no seu próprio país, esses homens e essas mulheres ainda têm piedade do outro, ainda se emocionam com suas histórias e se solidarizam com suas buscas, por mais complicadas que sejam.

E mesmo peregrinando nesses lugares esquecidos pela sociedade, mesmo sem rumo e às vezes sem coragem, Alice não quer voltar para o apartamento, para o lugar que lembra dor e tristeza de ter sido mais uma vez abandonada pela filha. Para não voltar para lá, Alice se afunda cada vez mais no lado obscuro e esquecido de Porto Alegre.

Seguindo as pistas de Cícero, Alice chega até um local onde são desmanchados carros velhos. Lá, com três mendigos, mais personagens de uma Porto Alegre esquecida e marginal. Quando finalmente acha o alojamento, Alice não encontra Cícero, mas recebe uma nova pista

de Galo, mais um personagem que se solidariza com a busca da professora. Galo a manda procurar num hospital.

No hospital, Alice encontra pessoas amontoadas, envelhecidas e cansadas que se espalham pelos corredores. No saguão do pronto socorro, Alice vive seu primeiro episódio como uma mulher sem lar: ela dorme encostada em um banco, em meio às pessoas, cansada demais para perceber o quanto está indo fundo na sua viagem à lama.

O hospital é uma amostra da desigualdade. Na cidade bonita e moderna, o hospital lotado é um retrato da falta de interesse da sociedade pelas partes esquecidas pela sociedade. Mais uma forma de exílio daqueles que não se encaixam nos padrões do sul.

Quando acorda, Alice sai em peregrinação pelas ruas, sem um rumo certo. Sem pistas de Cícero, a professora vai parar em um parque. Lá, exausta, Alice dorme no chão, no meio da rua. Alice compartilha a exclusão com aqueles que vivem nas ruas. Acorda com um cachorro lambendo suas pernas. Com vergonha da situação em que se encontra, Alice finge dormir até que a dona do cachorro se afaste.

Uma mulher de idade avançada, dormindo na rua, com certeza seria considerada uma sem teto. Essa situação de exclusão envergonha Alice. Se sentir exposta era algo que a professora não conhecia. Mas Alice segue. Continua a peregrinar até não lembrar mais de Cícero, o coelho branco que tinha lhe levado até ali. No fundo, a busca de Alice era por ela mesma, e foi no lado obscuro daquela cidade famosa que a professora se encontrou.

Alice se entrega á vida de exclusão, e em um devido momento, passa a dormir nas ruas, ao relento. A certa altura, Alice se caracteriza como uma moradora de rua, na esperança de se sentir invisível como aqueles que vivem na rua são. Ali, Alice se sentia livre e perto de casa, familiarizada com os irmãos de rua. Assim como eles, a professora tinha sido abandonada, durante toda a vida, mas na exclusão ela encontrou um lar.

Quando encontra Lola, Alice ganha um lar. Mesmo que a casa de Lola seja um lugar não convencional, onde elas se alimentam do que acham e recebem dos outros nas ruas, como também sua dormida é numa cama improvisada feita de livros, Alice se sente em paz, como não se sentia no apartamento que lembrava a todo instante do egoísmo e da traição da filha Norinha. É com Lola que ela encontra uma família, um lugar para chamar de casa.

Durante toda a peregrinação pelo seu deserto pessoal, Alice encontra com muitos iguais, sua gente, povo de sua terra. Os nordestinos que Alice encontra são solidários, se sensibilizam com sua busca, andam com ela pelas ruas, tomam para eles sua missão. Em muitos momentos, Alice nem se lembra de Cícero. Ela quer apenas estar entre sua gente, viver em comunhão, se sentir incluída.

Quando precisa sair pelas ruas como catadora, Alice não tem medo, vai feliz fazer o trabalho que alimentará ela e Lola por mais um dia. Quando anda pela cidade nos ônibus, Alice fica feliz por não ter que pagar passagem, feliz por ganhar alguma coisa em uma cidade distante. Cada coisa que compra é guardada com orgulho, porque foi escolhida por ela e não pelos outros. Nas suas andanças, ela descobre lugares que nunca achou que conheceria e pessoas de todos os jeitos.

A obra *Quarenta dias narra* em suas páginas sobre miséria e exclusão, sobre aqueles que, mesmo vivendo em seu país, são tratados como excluídos, como estrangeiros, esquecidos pela sociedade que insiste em não os enxergar.

Alice fica chocada quando chega na Maria Degolada porque não esperava encontrar pobreza em um lugar tido como desenvolvido. Como moradora de João Pessoa, uma borda social, ela era acostumada com a vida no Nordeste, lugar que muitos enxergam como pobre e atrasado. Mas no Sul, a professora encontra um cenário de puro descaso, a pobreza e a miséria onde ela pensava só existir riqueza.

A cada passo que dá em sua peregrinação Alice encontra-se mais com ela mesma, se tornando uma nova mulher, mais forte, pronta para encarar a vida. Através da experiência que vive nas ruas, Alice se reafirma, reencontra sua fé, e assim como Cristo, volta de seu deserto com novas lembranças e com a humanidade restaurada.

Quarenta dias é um grito de denúncia das situações de exclusão, mas também denuncia outro grave problema: o lugar do idoso na sociedade. Alice com seus sessenta anos de idade, aposentada depois de uma vida como professora. Ela vive sozinha, pois a filha tinha ido embora depois do casamento, para morar no Sul. Vinha às vezes visitar a mãe, mas não ligava muito para o que acontecia com ela.

Alice é uma mãe órfã de uma filha viva, esquecida por aquela que deveria cuidar de sua velhice. E é quando ela pensa que vai viver a paz da aposentadoria que Norinha reaparece para roubar seu sossego.

A professora acaba, então, cedendo. Este fato é uma mostra de que, na sociedade muitas vezes, quando uma pessoa atinge um certo tipo de idade não tem voz. Os filhos ou parentes escolhem por ele, que é obrigado a aceitar as ordens. O idoso é exilado dentro da própria casa ou asilos e casas de apoio, esquecido pelos familiares, considerado um peso a se carregar.

Alice é recrutada para cuidar de um neto que ainda não existia, reforçando a ideia de que as mulheres mais velhas, depois de criarem seus próprios filhos, têm a obrigação de criar seus netos, de serem babás das crianças.

Alice não tem nem mesmo o direito de escolher a decoração do lugar onde vai morar. Tudo é comprado e decorado por Norinha. Alice assiste a tudo calada, remoendo em silêncio a sua angústia. Ela se sente prisioneira no lugar que ela acha parecido com uma gaiola.

Mesmo indo com Norinha, Alice é abandonada mais uma vez pela filha, que deixa a mãe em Porto Alegre e vai para a Europa com o esposo. A professora é o retrato de muitas pessoas que são deixados pelos filhos, abandonados à sua própria sorte.

Quarenta dias é uma obra de encontros e desencontros. Alice é uma personagem realista, cheia de dores e mágoas que aproxima seus leitores de suas experiências. Tudo que Alice vive nos 40 dias na rua é um batismo, um mergulho em si mesma, uma forma de se encontrar.

Assim como a menina da obra de Lewis Carrol, Alice nossa protagonista não encontra apenas beleza na cidade de Porto Alegre. Ela aprende a sobreviver num lugar estranho. Através da peregrinação em seu deserto pessoal, Alice vai até o fundo do poço. Lá, ela encontra a força para recomeçar a viver, e se libertar da Rainha de Copas.

Encontra amigos e descobre que ainda tinha forças para reagir. Descobre o mundo novo que surge na periferia de Porto Alegre e mesmo não cumprindo sua missão de encontrar Cicero, ela encontra a si mesma e volta à tona mais forte.

Através da narração de sua experiência, Alice renasce e encontra num velho diário a porta para expressar suas lembranças. É quando “conversa” com sua única amiga, que Alice se sente em paz. Uma das mais importantes personagens dessa história não fala, nem mesmo tem um corpo, mas ajuda Alice a se manter lúcida enquanto peregrina pelo seu Sul Maravilha.

4.3- Barbies e Alices: a ressurreição

Na obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, Alice, professora aposentada, encontra em Barbie sua fiel confidente, onde ela ao escrever, coloca para fora toda sua mágoa, raiva e abandono que sente de sua filha Norinha.

Barbie é, na verdade, uma das personagens principais da obra e aparece na história desde as primeiras páginas. É ela que ouvirá a narração dos 40 dias de peregrinação no deserto que Alice enfrenta em sua viagem ao Sul Maravilha. Mas Alice não convive com a Barbie literalmente, a boneca loira de plástico. A Barbie enfeita a capa de um velho caderno de páginas amareladas que Alice faz de diário para relatar sua vivência. Na verdade, Alice não sabe como o caderno vai parar em sua bagagem e nem a quem ele pertence, como se pode ver no trecho a seguir:

Sei, agora, porque cismeí de trazer na bagagem este caderno velho vazio, trezentas folhas amareladas, com essa Barbie na capa de moldura cor de rosa, sabe-se lá de quem era nem como se extraviou na minha casa. Quando Norinha era menina acho que ainda nem existia esses cadernos da Barbie. Mesmo assim, já é velho, nem é politicamente correto, do tempo em que ainda não se reciclava nada, já foi branquinho, não sei quantas árvores assassinadas e toda essa história. Cismeí com ele e pronto. Porque eu quero! por mais que a fúria organizadora da prima Elizete tentasse bota-lo no monte de velharia, quase lixo para vender na tal “garage sale” que aprendeu com a filha que foi morar nos Estados Unidos e inventou de fazer com meus trastes. (REZENDE, 2014, p.7)

Esta é a apresentação da Barbie no romance. Alice não sabe como o caderno chegou em sua casa, mas ele é uma ligação que ela tem com sua vida em João Pessoa. Trazer o caderno era uma forma de Alice se rebelar contra a obrigação de ir para Porto Alegre, ele iria ser a única coisa conhecida naquele lugar estranho, o que se pode ver no trecho seguinte:

Sei lá! mas isso, sim, eu resisti até o fim, agarrei-me com o caderno como a uma boia, vai ver que foi só mesmo pra dizer Não a alguém, fincar pé contra mais uma vontade alheia, querendo tomar o controle daquela minha vida, já escapando feito água usada pelo ralo desde que me decidi, ou cedi?, a pedir o raio da segunda aposentadoria. Patética tentativa de resistência, mas, afinal, tinha sentido, agora acho. O caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, nas com um destino oculto, tábua de salvação

para me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu. Talvez. (REZENDE, 2014, p.9)

Alice estava fragilizada por ter cedido às chantagens de Norinha, e aquele caderno velho e de origem desconhecida era sua única ligação com a vida que amava. Barbie era o suporte para a tristeza da professora ao ser arrancada de sua terra amada, de sua vida e de sua paz.

Barbie é apresentada no romance quando Elizete, amiga de Alice, está arrumando suas coisas para a viagem da professora para o Sul. Quando vê o caderno, Alice pega e o traz com ela para Porto Alegre. Mas é depois que volta de sua peregrinação que Alice vê em Barbie e no caderno chance de desabafar, o que pode ser visto no seguinte trecho:

Dei com o olho na Barbie e soube logo em quem vou descarregar tudo isso. Por sorte o caderno estava ali mesmo, perto da porta de entrada, na mesinha do telefone onde eu deixei desde que desfiz as malas, sem ter o que fazer com ele. (REZENDE, 2014, p.13)

Quando Alice volta de sua peregrinação, ela está em carne viva por tudo que viveu. Precisa contar o que viu e sentiu. Barbie, que a espera obediente na mesinha de telefone, é a confidente perfeita. Ela não fala, assim não poderia recriminar Alice pelas loucuras que ela fez em suas andanças. Barbie não daria opiniões e nem se meteria em sua vida. Não a obrigaria a fazer nada. Barbie apenas guardaria os segredos da sua experiência no deserto.

Alice precisava muito mais do que uma confidente, de uma cura para tudo de doloroso que ela tinha vivido. Precisava colocar para fora o que trazia dos outros, para que pudesse voltar a ser ela mesma. As páginas de Barbie foram esse remédio para as feridas da professora, como mostra o trecho a seguir:

E aqui estou, vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que eu enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurou toda essa gente que tomou conta de mim... (REZENDE, 2014, p.13/14)

Em certas partes, Alice chama a Barbie de “My dear friend”. O fato de Alice chamar uma boneca que enfeita a capa de um caderno velho de querida amiga, demonstra sua solidão. Naqueles momentos, após a peregrinação pelas periferias de Porto Alegre, Alice não tinha ninguém. Não queria ligar para Norinha e nem para Elizete, culpadas de sua ida forçada para

aquele lugar. Apenas Barbie lhe fazia companhia naquelas horas de escrita, quando a professora desabafava suas dores.

Alice dá vida para a Barbie, talvez pela necessidade de ter uma companhia. Ela agradece, cumprimenta e pede desculpa para a boneca quando é agressiva com ela. Com Barbie, Alice talvez volte a ser criança, mesmo estando em idade avançada.

Na obra, Alice não fala da sua infância. Relembra, às vezes, da juventude em Boi Velho, sítio onde foi criada pelos avós. As brigas com a tia, a perda daqueles que ela amava. A infância modesta talvez não tivesse dado à professora o que ela precisava naquela época. Quando está andando nas ruas de Porto Alegre, na sua invisibilidade, Alice volta a ser criança.

Ela se diverte passeando nos ônibus, feliz porque pode andar de graça. Para ela, tudo é uma aventura, assim como seria para uma criança. Barbie marca também essa passagem da mulher idosa para a criança que vive uma fantasia, procurando um desconhecido que se torna um álibi para suas andanças.

Alice, muitas vezes, quando fala com Barbie, usa expressões em inglês. Talvez seja uma forma de lembrar que a boneca é um produto americano, um luxo que foi, por muito tempo, das crianças mais ricas. O inglês que a língua que Barbie sabe falar!

Em alguns trechos da obra, Alice se aproxima muito de Barbie, vendo a boneca como uma igual. É para Barbie que Alice confessa suas raivas, suas culpas e vergonhas, como no seguinte trecho:

Ufa! Cansei você, não foi, Barbie? “Sorry”. Estou cansada também, mas embalei na escrita e vejo que minha letra começa a recuperar um traço mais regular. Vou me acalmando desse jeito. Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que eu tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo? Ou de minha raiva, do meu próprio egoísmo?, é egoísmo querer ter minha vida própria? Diga-me, Barbie, você que nasceu pra ser vestida e despida, manipulada, sentada, levantada, embalada, ,deitada e abandonada à vontade pelos outros, você é feliz assim? Você não tem coragem? Eu tenho vergonha de ter cedido, estou lhe dizendo, vergonha. (REZENDE, 2014, p.42)

Alice se sentia como a Barbie, uma criatura feita para servir aos outros e tinha vergonha por não ter resistido às ordens da filha. Talvez a Alice criança visse em Barbie uma amiga imaginária.

Talvez, para Alice, Barbie seja uma filha que ela não teve, já que a sua, de carne e osso, era egoísta o bastante para lhe abandonar em uma cidade estranha. Talvez a boneca loira lhe fazia lembrar de Norinha, com sua pele clara como a de Aldenor.

Assim como uma mãe, Alice implica com Barbie, mas pede desculpa quando sente que foi rude. Divide com ela seus segredos e trava diálogos íntimos.

Vai preparando a Barbie para suas confidências mais fortes, cuidando da boneca como se fosse uma pessoa real, o que podemos ver no trecho a seguir:

Chega, por hoje Barbie. O resto que vem é pesado que só! Vou botar você pra dormir, que não quero que você se esgote antes de eu ter dito tudo. (REZENDE, 2014, p.77)

Alice vai contando suas experiências no mundo da exclusão, despejando em Barbie toda a raiva e o medo. As loucuras. A Barbie se torna uma espécie de psicóloga barata a quem Alice se refere com ironia, como se pode ver no trecho a seguir:

Estou ficando curada da maluquice só por escrever nesse caderno? Eita, tratamento barato! Se o remédio é bom, vamos lá, continuar. (REZENDE, 2014, p. 92)

Vivências e sentimentos vão se misturando nas páginas de Barbie, e a boneca ganha cada vez mais espaço na vida de Alice.

A professora sabe que Barbie não esta viva, mas continua falando e desabafando com sua amiga de papel, que pelo fato de não poder falar, não contaria seus segredos, o que e pode ver no trecho a seguir:

Uuuuummm, Barbie, sabe que o cozido que fiz pro meu almoço está cheirando bem e me deu fome e que agora vou almoçar e não lhe ofereço porque sua boca é colada, não abre nem pra comer?, e que você é só um recurso mentiroso pra eu me sentir em comunicação com alguém, como se você se importasse, e é de tanta confiança que não vai contar nada pra ninguém? Tudo leseira, sei disso, mas estou gostando, ninguém tem nada a ver. (REZENDE, 2014, p.123)

Mais uma vez, a solidão de Alice é exposta. Sozinha num lugar que não é o seu, Alice encontra na boneca de papel uma companheira. Alice é uma mulher quebrada, abandonada. Não quer contato com sua filha, pois ela se lembra da traição de Norinha. Deixa de falar de Norinha e se pergunta se aquilo é bom ou mal. Se dedica a narrar para a boneca as suas andanças.

A professora vai escrevendo no diário, e em certa altura até decide seu destino, pois já que não teria coragem de queimá-lo, o abandonaria numa gaveta.

Barbie é muito importante na construção da nova identidade de Alice. É através do diário que a professora retoma suas memórias, o que faz parte da busca por um reconhecimento próprio, uma nova visão sobre sua vida. Quando escreve no diário, a personagem se modifica e vai curando suas angústias.

É nesse processo que ocorre o renascimento de Alice. Escrevendo nas páginas do diário, Alice volta a viver e a respirar. Vê as coisas voltando à normalidade e até passa a chamar o apartamento que antes lhe era estranho de casa.

Mesmo não tendo encontrado Cícero e sendo obrigada a retornar ao seu País das Maravilhas, Alice encontra no diário uma salvação, a remissão de suas vergonhas, das dores, das loucuras e das andanças sem rumo.

É para as folhas do diário que Alice conta dos amigos que fez. Da solidariedade do povo de sua terra. Da saudade de Arturo. Do lar que encontrou com Lola. Da experiência de ser invisível, uma estrangeira em seu país. É o diário que espera com paciência, que ouve os desaforos infantis e as reclamações adultas, que restitui a identidade de Alice.

A única testemunha da volta de Alice do fundo do poço, ela que presencia a subida longa e lenta depois dos 40 dias que a professora viveu nas ruas esquecidas de Porto Alegre.

Alice se despede da Barbie, depois de tudo que viveram juntas, com um agradecimento pela solidariedade muda da amiga imaginária. O fato de Barbie não ter uma voz que recrimine Alice faz dela uma grande aliada em sua recuperação e a companhia silenciosa acaba trazendo a professora de volta para a superfície.

Em certa ocasião, Alice diz que, em seus 40 dias no deserto, ela atravessou o inferno. Talvez nesse processo, Barbie tenha sido sua retomada para o céu, a ressurreição de Alice. E com Barbie ao seu lado, o País das Maravilhas já não era tão estranho, afinal, Alice não estava mais sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher falar sobre a construção de Alice, tivemos que ir em busca na história da mulher, de sua formação social, assim como o lugar do idoso na sociedade. Falar sobre Alice é um mergulho na face mais cruel do ser humano, mas também é um encontro com a solidariedade entre os iguais.

Trabalhando com *Quarenta dias*, pudemos conhecer os anseios de uma mulher de idade avançada, que sonha em viver uma vida feliz e pacata durante sua aposentadoria, mas que é arrancada de sua terra e de suas raízes, lançada num lugar estranho, abandonada pela filha, sozinha.

Alice é o retrato dos idosos na sociedade, sem quererem, sem ajuda, jogados a própria sorte, abandonados por aqueles que deviam prover seu sustento. É essa face de denúncia que torna essa obra de Maria Valéria Rezende tão forte e impactante.

Por ter um caráter simbólico, a literatura é capaz de dar um novo significado para a história e materializar as vivências de seus personagens. Através da literatura, podemos acompanhar as mudanças na história e o poder da intervenção da sociedade na conduta de cada pessoa. Ela é capaz de abordar temas que aproximam leitor e escritor, através da realidade narrada nas páginas dos livros.

Através da escrita de ficção de Maria Valéria Rezende, podemos ver o lugar da mulher na sociedade, a relação de uma mãe solteira com sua filha única, o não lugar do idoso na vida cotidiana. Vemos a exclusão como temática principal, a miséria, os brasileiros que são exilados dentro de seu próprio país, pessoas para quem a sociedade fecha os olhos, cidadãos invisíveis nas ruas e periferias da cidade.

Vemos a confirmação do mito de que as mulheres mais velhas possuem a obrigação de cuidar dos netos, de deixar sua vida para trás e seus desejos em prol do querer de seus filhos e de sua família.

Por ter uma temática tão forte e atual, *Quarenta dias* ganhou o prêmio Jabuti como melhor livro de ficção. Por contar uma história que muito se aproxima da realidade, o romance de Maria Valéria Rezende faz com que o leitor se aproxime de Alice, que sinta seus medos, suas angústias, que caminhe junto com ela pelas ruas escuras e esquecidas de Porto Alegre e que se surpreenda em cada esquina.

Maria Valéria expõe ao seu leitor uma realidade cruel sofrida por muitos brasileiros. A busca pela melhoria de vida que leva muitas pessoas a saírem de seu lugar de origem em busca de novas vivências. A vida de esquecimento e de omissão que muitos passam, jogados nas ruas ou em lugares de segregação.

Seus personagens têm características que lhes tornam carismáticos. Adelaide, Galo, Arturo e Lola são a ligação que o leitor mantém com a vida mais dura, o lado esquecido e negligenciado da sociedade, as pessoas exiladas nas periferias de Porto Alegre.

Norinha, a Rainha de Copas, é a negligência, a falta de cuidado e de compaixão com os idosos, o abandono e o egoísmo. Norinha é a representação das culpas de Alice, das angústias da velha mulher, de suas dores.

Cícero Araújo é a esperança, a chance que Alice recebe para fugir do lugar estranho no qual ela é abandonada por Norinha, e ainda que não apareça pessoalmente na obra, faz o leitor sentir um certo carinho e a curiosidade de saber onde ele está.

Barbie, mesmo não tendo um corpo, ocupa um grande espaço na obra e sua companhia silenciosa que ajuda Alice a se manter lúcida durante a narração de suas memórias. É Barbie que devolve a vida para a velha mulher.

A própria Alice é uma personagem muito cativante. Assim como sua xará da obra de Lewis Carroll, Alice peregrina num mundo desconhecido e cheio de perigos. Ela cria para si um alibi de procurar um rapaz desaparecido, enquanto busca a si mesma nas ruas de Porto Alegre. É impossível não se emocionar com as dores da velha professora, não se enraivecer com Norinha ou não rir com os diálogos loucos que Alice trava com a boneca Barbie.

É através das experiências de Alice que nós conseguimos acessar nossas próprias memórias, repensar nossa trajetória de vida, nossos papéis na vida do outro. Alice nos leva para um mundo doce e amargo. Cheio de exclusão mas também de solidariedade, de entrega e ajuda para com o outro.

Alice era uma mulher à frente de seu tempo, que criou a filha sozinha, sendo viúva de um militante político que sumiu na guerrilha da ditadura. Mesmo com tanta reponsabilidade, Alice conseguiu criar a filha, e mesmo que mais tarde, a culpa lhe obrigue a seguir as ordens de Norinha, Alice não deixa de ser uma protagonista forte.

Mesmo que nossa análise se volte para a construção da personagem Alice, é impossível não nos envolver com os outros componentes dessa cativante história. Não podemos passar por ela sem imaginar os cenários por onde Alice passa e as pessoas que conhece.

Em *Quarenta dias*, Maria Valéria Rezende eleva sua voz para denunciar a exclusão e a pobreza em uma cidade tida como bela. Ela fala da dor do abandono e da superação, da vida

em sua face mais dura. Ela dá visibilidade para os esquecidos, aqueles de quem a sociedade não lembra mais.

E mesmo que nos saibamos que talvez essa realidade não tenha boas chances de ser mudada, a peregrinação de Alice, vivida também por Maria Valéria, acende uma pequena chama no meio da escuridão.

É através desta obra que podemos ver que mesmo nos lugares de maior escuridão é possível encontrar um lar e solidariedade, e que mesmo na rua, onde muitos não têm uma chance de sobrevivência, ainda é possível encontrar tesouros, sejam materiais ou humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1980.

FRIZZO, Antonio; SCARDELAI, Donizete; KAEFER, José; PRADO, Luiz. **Nova Bíblia Pastoral**. Brasília: PAULUS, 2013.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdade: os limites da democracia no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulheres.** São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Gaucira Lopes Louro 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média.** – 5 ed., 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias.** Maria Valéria Rezende – 1.ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RODRIGUES, Rosângela. **Mulheres e amores em ficções de autoria feminina.** Campina Grande: EDUFPG, 2016.